

Eleição Presidencial Lula e Brizola

JORNAL DE BRASÍLIA

Haroldo Hollanda

7 NOV 1984

É possível que com o avançar das apurações nas próximas horas se decida a batalha que entre si travam os candidatos Lula e Brizola, para saber qual dos dois será indicado para disputar com Collor de Mello o segundo turno das eleições presidenciais. Essa definição é da maior importância, pelas repercussões que terá no futuro imediato do País. Bastou que se configurasse no dia da eleição a possibilidade de Lula ir ao segundo turno, para que voltassem as especulações em torno da aprovação imediata do parlamentarismo, o que representaria, nas presentes circunstâncias, um golpe político. O deputado José Serra, do PSDB de São Paulo, foi dos primeiros a defender na televisão, na própria noite da eleição, a introdução do parlamentarismo no Brasil. Os "tucanos" de São Paulo, em face de uma eventual vitória de Lula, se veriam diante de uma situação política extremamente embaraçosa para todos eles. Começa que o PSDB vem tentando firmar como partido, uma imagem política de equilíbrio e moderação, embora comprometido com reformas políticas e sociais. O senador Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, ambiciona conquistar com sua candidatura o governo de São Paulo nas eleições de 90.

Se os "tucanos" paulistas aderissem a Lula no 2º turno, estariam correndo o risco de perder sua identidade política própria e confundindo sua imagem com a do PT, um partido integrado por várias facções que abertamente pregam a revolução. O PSDB, em sua mensagem política, comprometida com a Social Democracia europeia, defende a inserção do Brasil no Primeiro Mundo e na economia internacional. Já o PT quer uma integração maior do Brasil com o chamado Terceiro Mundo. Uma aliança com Brizo-

la, também, acarretaria problemas para o PSDB paulista, segundo admite em conversas informais o senador Fernando Henrique Cardoso. Isso porque em São Paulo o prestígio político de Brizola é muito fraco, para não dizer inexistente, o que demonstram as últimas apurações no Estado.

Os mesmos problemas com os quais se defronta o PSDB irá enfrentar o PMDB no segundo turno, se o adversário de Collor for o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Várias lideranças importantes do PMDB haviam combinado chegar ontem a Brasília, a fim de iniciar conversações visando a um exame das perspectivas de negociação política que se abrirão com o segundo turno das eleições presidenciais. Essas lideranças preferira adiar sua viagem a Brasília para a próxima semana, com o que darão tempo a que se abrande o estado de espírito dos mais exaltados, situados tanto à direita como à esquerda das fileiras partidárias. Ulysses e seu grupo manobram para evitar a exposição pública dos conflitos internos latentes há longo tempo no PMDB. É possível, no entanto, que Ulysses venha a ser bastante contestado nesse seu procedimento conciliatório, especialmente depois do seu frustrado desempenho eleitoral em 15 de novembro último, o que enfraqueceu sua autoridade no interior da legenda.

Na hipótese de se configurar a vitória de Brizola sobre Lula, as acomodações no interior do PMDB se processariam de forma mais natural. Tanto integrantes dos grupos de esquerda como dos "moderados" dispõem-se a apoiar a candidatura do ex-governador do Rio Grande do Sul, o que não aconteceria se o adversário de Collor fosse Lula.